

*Napë yahopihayanonami teyare, Yanonami te yahipiha napë a yare:* uma reflexão sobre a participação dos Yanonami de Maturacá na IX Reunião Científica da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – ABRACE

Luiz Davi Vieira Gonçalves<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo visa refletir a participação do Pajé-hekura Carlos Figueiredo e do professor indígena Marcos Figueiredo, ambos da etnia Yanonami, na IX Reunião Científica da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – ABRACE/2017. Para isso, busca-se, por meio deste trabalho, demonstrar a relação simétrica construída entre o branco e o indígena e refletir a comparação feita pelo Pajé-hekura Carlos Figueiredo entre o conhecimento tradicional Yanonami e o conhecimento acadêmico.

**ABSTRACT:** This article aims to reflect the participation of Pajé-hekura Carlos Figueiredo and Marcos Figueiredo indigenous teacher, both Yanonami, at the IX Scientific Meeting of the Brazilian Association of Research and Graduate Studies in Performing Arts - ABRACE / 2017. Whose main purpose is to demonstrate the symmetrical relationship built between white and indigenous and reflect the comparison made by Pajé-hekura Carlos Figueiredo between traditional Yanonami knowledge and academic knowledge.

*Napë yahopiha yanonami te yare, Yanonami te yahipiha napë a yare* na língua yanonami significa: tem Yanonami na casa do branco, tem branco na casa do Yanonami. A razão desse enunciado é demonstrar a relação simétrica construída entre o branco e o indígena, que, neste caso, é estabelecida entre os Yanonami da região de Maturacá e eu. Caminhar simetricamente é estabelecer um vínculo de interesses construídos de forma concomitante em ações no “mundo” do branco e no “mundo” do Yanonami, o que, segundo as

---

<sup>1</sup>Professor Assistente do Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas. Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas. Líder do diretório de pesquisa: TABIHUNI/CNPq/UEA e Pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Brasil Plural – Manaus. luizdavipesquisa@hotmail.com

lideranças tradicionais (pajé e Caciques) da região de Maturacá, é caminhar *kõkamõu*, ou seja, juntos(as).

No exercício da caminhada *kõkamõu* com os Yanonami, em meados de junho de 2017, recebi o convite para participar da IX Reunião Científica da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – ABRACE, que seria realizada no Estado do Rio Grande do Norte, na cidade de Natal, no período de 27 a 30 de setembro do mesmo ano. O convite foi feito através do presidente da Associação Dr. Robson Carlos Haderchpek com o objetivo de contemplar o tema do evento: “Diversidade de Saberes – as Artes Cênicas em diálogo com o Mundo”. A diversidade, nesse caso, seria representada pelo conhecimento indígena, ou melhor, o convite se estendia aos Yanonami, já que a comissão organizadora tinha ciência de minha pesquisa de doutorado<sup>2</sup>, a qual foi apresentada em Grupos de Trabalhos do próprio evento em edições anteriores.

Em seguida, estendi o contato ao povo de Maturacá comunicando a Associação Yanomami do Rio Cauaburis e Adjacentes – AYRCA, que é responsável por realizar as mediações com os não-Yanomami, principalmente no caso das relações com o homem branco e seus órgãos representativos, como o Estado, as ONGs, as prefeituras e outros. Assim feito, posteriormente a diretoria da AYRCA reuniu com as lideranças das aldeias da região para, além de decidirem se iriam aceitar o convite, também escolherem os indígenas que fariam a viagem e analisarem quais seriam os benefícios para o povo Yanomami na participação no evento.

Algumas semanas após o meu contato com a AYRCA, recebi a resposta positiva da participação, cujo objetivo seria a divulgação e fortalecimento da AYRCA com possíveis parcerias, além da realização de fomento dos conhecimentos tradicionais do povo de Maturacá enquanto conhecimentos legítimos Yanomami, já que, quando se ouve falar em Yanomami, a primeira lembrança é sobre os grupos do Estado de Roraima e, principalmente, sobre a

---

<sup>2</sup>Realizo o doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas com a pesquisa intitulada: A Performatividade do ritual *hekuramou* Yanomami: um olhar sensível para a musicalidade, para a corporeidade e o espaço no ritual. Conto com a orientação da professora Doutora Deise Lucy Montardo.

representatividade do xamã Davi Kopenawa. Na mesma mensagem, havia os nomes dos indígenas que foram escolhidos<sup>3</sup> para participarem da ABRACE/2017; o pajé-hekura<sup>4</sup> Carlos Machado e o professor Marcos Figueiredo, vice-presidente da AYRCA.

Com a participação de um pajé-hekura e de um professor indígena, acordamos junto à diretoria da ABRACE que levaríamos para o evento as informações da cultura tradicional Yanomami com o foco na prática de rituais, bem como apresentaríamos os desafios da educação indígena da região de Maturacá, tudo isso para alcançar o tema “Diversidade de Saberes: as Artes Cênicas em diálogo com o Mundo”. Terminada a organização dos acordos de participação e encaminhamentos burocráticos para a execução da viagem, iniciei as orientações aos indígenas para fazermos a viagem. Neste momento, ao deixarmos nos conduzir *kõkamõu*, ou seja, juntos(as), o aprendizado foi surpreendentemente afetivo. Tudo o que pensávamos, eu e gestão da ABRACE/2017, o pajé-hekura Carlos Figueiredo, que possui aproximadamente setenta e seis anos de idade, e o professor Marcos Figueiredo respondiam extrapolando nossas expectativas, como a antropóloga Jeanne Favret-Saada (1990, p. 30) relata ao analisar a afetividade na relação no campo da ciência: “Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer”. Nossos projetos, a priori pensados a partir de nossas certezas e verdades, se reconfiguravam na relação *kõkamõu*.

A disposição corporal durante o percurso da viagem foi o primeiro ponto a chamar atenção de nossas expectativas, pois o percurso iniciado na Aldeia de Maturacá, na fronteira do Brasil com a Venezuela, até a cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, além de ser longo, oferece desconforto em vários trechos, todavia, foi facilmente superado pelos indígenas.

---

<sup>3</sup> Essa escolha foi realizada pela AYRCA através das orientações da logística e gestão da viagem feita por mim. Foi levado em consideração para escolha dos indígenas a sua disponibilidade para ficarem longe de casa durante o tempo da viagem e a disposição física para suportar o trajeto de deslocamento de Maturacá até a cidade de Natal – ida e volta.

<sup>4</sup>Na língua Yanomami, a palavra hekura é usada para definir pajé e também espíritos. Assim como nota de encaminhamento textual, usarei pajé-hekura para denominar o pajé e hekuras-espíritos para fazer referência aos espíritos.

Os dois Yanonami, professor Marcos Figueiredo e o pajé-hekura Carlos Machado, apresentaram uma disposição corporal imensurável aos olhos comuns na viagem. Após saírem de Maturacá no dia 19 de setembro, eles viajaram de barco pequeno (modelo voadeira), com motor 15hp, até o fim do Rio Ia-mirim, percurso que gastaram 24 horas de viagem, fazendo pouso e descanso de algumas horas na aldeia Nazaré, situada no caminho. Logo em seguida, eles viajaram de caminhonete–Toyota Bandeirante, até a cidade de São Gabriel da Cachoeira, onde aproveitaram alguns dias para resolver questões da AYRCA e descansar para seguir viagem de Barco expresso até a cidade de Manaus, viagem de vinte e quatro horas ininterruptas, chegando, assim, no dia 26 de setembro em Manaus. No dia seguinte (27), viajamos para cidade de Natal em voo comercial fazendo uma conexão de seis horas na cidade do Rio de Janeiro. Ao chegarmos ao aeroporto, fizemos um traslado de cerca de uma hora e meia até o hotel onde iríamos ficar hospedados.

Eu estava totalmente esgotado corporalmente, no entanto, assim que nos acomodamos no quarto do hotel, o pajé-hekura, de setenta e seis anos de idade, volta-se a mim e diz: “Professor, vamos passear?”, a que eu respondo: “Agora?”. Ele balança a cabeça positivamente. Percebi que estávamos nos pesquisando simetricamente, pois eu, exaurido, acompanhava o pajé-hekura, que estava viajando havia muito mais tempo do que eu, vindo da aldeia, e apresentava uma disposição corporal imaginável. E a mesma disponibilidade manteve-se na viagem de volta até a partida de Manaus para a cidade de São Gabriel da Cachoeira, ponto em que nos despedimos. Tal disposição corporal da viagem é a mesma que percebo nas sessões de *hekuramou* nos *xaponos* da região de Maturacá e nas atividades de caça que eu participei junto com os Yanonami.



Foto 1: viagem para ABRACE Fonte: Acervo do autor

No evento da ABRACE, compomos a mesa intitulada como “Saberes da Terra e Identidades”, na qual o pajé-hekura Carlos Machado falou, traduzido pelo professor Marcos Figueiredo, sobre o ritual de preparação para se tornar pajé-hekura, da responsabilidade de ser representante dos hekuras-espíritos nos *xaponos* e da força de seu conhecimento tradicional, comparando com a formação de um professor *napë* com mestrado e doutorado, ou seja, seu conhecimento é tão importante quanto o conhecimento de todos aqueles(as) professores(as) doutores(as) presentes no evento. Após o discurso do pajé-hekura, o professor Marcos Figueiredo comentou sobre a realidade e desafios da educação indígena na região de Maturacá e as dificuldades encontradas pela AYRCA em representar o povo Yanonami nas relações com os *napë*, principalmente na luta por representatividade e participação nas políticas indigenistas do Alto Rio Negro. Por fim, em minha fala, busquei fortalecer os discursos anteriores ressaltando a necessidade e responsabilidade da integração dos saberes ameríndios na área acadêmica, sobretudo no campo das Artes da Cena.



Foto 2: ABRACE, 2017. Fonte: Acervo do autor

Destaco como ponto principal de análise para este artigo, a fala do pajé-hekura comparando o conhecimento acadêmico com o conhecimento tradicional Yanonami, principalmente ao relatar a sua própria experiência no ritual de preparação para se tornar pajé-hekura, *otaamãí*. Como mencionado anteriormente, o pajé-hekura Carlos Figueiredo ao saber que o público do evento era, em sua maioria, formado por pesquisadores doutores, mestres, entre outros, associou a preparação de um pajé-hekura à formação acadêmica de um professor, dizendo que como os professores fazem graduação, mestrado e doutorado, ele fez *taamãí*, sendo orientado e avaliado pelos hekuras-espíritos por várias vezes e assim, nesse sentido, ele também é um doutor, igual a todos e a todas as pessoas presentes no evento. Ou seja, o pajé-hekura, com suas formações ritualísticas, compara o seu conhecimento aos conhecimentos daqueles que se colocam como os grandes detentores da sabedoria humana, os intelectuais, no entanto, vejo que o pajé-hekura, além do seu conhecimento acerca da cosmologia de seu povo, como um intelectual Yanomami, o qual comparou com o acadêmico, ele também acessa o mundo dos hekura-espíritos, atividade que não é comum em uma formação institucional acadêmica. Portanto, transita naquilo que a antropóloga Joanna Overing chama de “tempo de antes”<sup>5</sup> e “tempo de hoje”<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Grifo da autora.

<sup>6</sup> Grifo da autora.

Joanna Overing, ao estudar o xamanismo do povo Piaroa<sup>7</sup>, buscou, corroborando com o trabalho de Nelson Goodman<sup>8</sup>, *Ways of World making*, entender os processos pelos quais os xamãs construíam o conhecimento. Mas foi no artigo “O Xamã como Construtor de Mundos” (1994), quando estudou o *ruwang* – xamã do povo Piaroa–, que a antropóloga percebeu, em suas análises metodológicas, que a cosmologia deste povo estava dividida em dois períodos: o “tempo de antes”<sup>9</sup>, dos deuses criadores, e o “tempo de hoje”<sup>10</sup>, que sobreveio à ruptura de tempo e espaço no período de criação cosmogônica (OVERING, 1994).

O chamado “tempo de antes”<sup>11</sup>, segundo a autora, significa antes, e não passado. Seres do tempo místico eram descritos nos Piaroa como gente de antes e não como antepassados. Assim, o universo tornou-se descontínuo e, como resultado, o poder tornou-se disperso por ele. Já o “tempo de hoje”<sup>12</sup>, na ação mística, podia se distinguir entre passado distante ou próximo, presente e futuro – a realidade.

Após a abertura das percepções científicas preconcebidas e levadas ao campo para entender os dois tempos citados e tomando como base o livro do Goodman, a autora salienta:

Quando parei de tentar entender o discurso xamanístico como se este fosse acerca de um universo único, objetivamente dado, dentro do qual todas as partes deveriam se ajustar e formar um todo coerente, eu pude então seguir os passos de Goodman e focalizar o *processo* de construção de mundo em que os *ruwatu* estavam envolvidos. Nos termos de Goodman, eu desisti de minha “busca fútil pelo mundo aborígine”. O *ruwang* Piaroa era capaz de exercer sua atividade – curar, tornar fértil a terra, proteger sua comunidade – porque ele estava igualmente empenhado na construção de mundo, em separar e juntar versões disponíveis, por exemplo, os mundos dos “tempos de antes”<sup>13</sup> e

---

<sup>7</sup> A etnia Piaroa encontra-se no território brasileiro e venezuelano, às margens do rio Orinoco e seus afluentes.

<sup>8</sup> Nelson Goodman é filósofo americano, conhecido pelo estudo que coloca a arte como o entendimento humano que partilha com outras formas de análises, sobretudo a ciência. Obra de destaque sobre essa tese: *Ways of World making* (1978).

<sup>9</sup> Grifo da autora.

<sup>10</sup> Grifo da autora.

<sup>11</sup> Grifo da autora.

<sup>12</sup> Grifo da autora.

<sup>13</sup> Grifo da autora.

do "tempo de hoje"<sup>14</sup>. Seria um equívoco buscar, em tal construção de mundo, um alicerce de realidade. (OVERING, 1994, p. 101-102)

Conforme visto por Overing (1994) na citação, o xamã transita em dois mundos para construir seus conhecimentos. E, nesse mesmo sentido, vejo a construção de mundo dos pajé-hekuras Yanonami que vão ao mundo dos hekuras-espíritos diariamente e dialogam sobre o "mundo de antes" e o "mundo futuro". Conversando com os pajé-hekuras da região de Maturacá, eles me disseram que podem saber, através dos hekura-espíritos, o que aconteceu antigamente e o que virá a acontecer. O "mundo de antes", citado pela antropóloga Joanna Overing, pode ser encontrado no "mundo atual", participando da realidade social da região de Maturacá, ou seja, no diálogo entre o "mundo de antes" e o "mundo atual".

Voltando à análise central, com os dados apresentados, chega-se à reflexão de que o pajé-hekura, além de ser um intelectual do "mundo atual", conforme a sua própria comparação na ABRACE, também é um intelectual do "mundo de antes", acessando os hekura-espíritos, que, no caso do pajé-hekura Carlos Figueiredo, possui grande intimidade com eles por ter sido preparado e avaliado por diversas vezes, conforme afirmou na palestra.

As marcas que o pajé-hekura carrega ao longo de sua vida pela prática do ritual de xamanismo – *hekuramou*, desde a preparação até a chegada de sua morte, são os títulos recebidos pela sua intimidade com o mundo dos hekura-espíritos. "Em seu fluxo performático pleno, o ritual não apenas tem vários níveis, como também, quando está sob as condições de mudança na sociedade, é capaz de sofrer modificação em todos ou quaisquer de seus níveis" (TURNER, 2015, p. 115-116).

Essas marcas, como Victor Turner complementa, fazem com que ele seja reconhecido em vários níveis em sua função de liderança nas aldeias de seu grupo étnico. Todavia, não só a performance de cura é o alcance de atuação de um pajé-hekura. Por exemplo, para a pesquisadora Barbara Tedlock, que

---

<sup>14</sup> Grifo da autora.



analisou os papéis do xamanismo e suas perspectivas no livro *A Mulher no Corpo Xamã* (2008), “Curar, embora seja extremamente importante, é apenas uma parte do trabalho de um xamã”. Assim, o pajé-hekura ao ir a um evento científico falar de seu conhecimento se coloca atuando na realidade atual, exercendo não somente seu papel de líder espiritual, mas também de político.

Portanto, a participação dos Yanonami na ABRACE/2017 representa a inserção dos povos tradicionais no campo científico pensando simetricamente com os interesses deles, uma tendência de caminhos decoloniais nas Artes da Cena.

Nessa tendência sobre os caminhos descoloniais/decoloniais nas Artes da Cena, trago como suporte analítico os estudos desenvolvidos pela Professora Dra. Verônica Fabrini, como *Arte, Ciência e Descolonização* (2015) e *Corpo e Artes da Cena* (2016). No primeiro, a autora propõe uma travessia reflexiva entre Arte e Ciência, chamando a atenção para a importância e a diversidade dos saberes e das culturas existentes espalhadas em dimensões imensuráveis, sendo que tanto a Arte como a Ciência, em busca de racionalidade afirmativa e imperialista, se fecharam para a existência infinita de saberes que foram excluídos pelos passos da colonização. A diversidade da vida humana é substituída por valores impostos por verdades absolutas. A professora afirma: “A vida é rara, nós seres humanos somos raros e o que é raro é importante, então preservar a vida, preservar a diversidade da vida é de fundamental importância” (FABRINI, 2015, p. 187).

No segundo estudo, *Corpo e Artes da Cena* (2016), a autora ressalta sobre o corpo que pensamos e construímos durante o processo de criação, que predominantemente é conduzido pela noção de força e exterioridade, notadamente na vertente dos grandes signos fomentada pelo corpo dominador, civilizado, aquele capaz de julgar a(s) natureza(s), ressaltando, sobretudo, que esse corpo é instaurado como o instrumento supremo de trabalho, sem deixar-se afetar pelo processo de receber, de escutar, de sentir, ou seja, então, de que corpo nós estamos falando? Um corpo colonizado, cujas evidências de fragilidades físicas e emocionais são diariamente silenciadas (FABRINI, 2016, p. 40).

Assim, finalizo este artigo não com conclusões, mas sim com reflexões acerca da inserção do conhecimento tradicional inserido e/ou pensando na academia. Será que ela realmente está aberta ao conhecimento tradicional ou será apenas uma maquiagem de bons moços? Essa questão poderá ser respondida apenas com os próximos capítulos desta relação. Aguardemos!

## Referências

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

FABRINI, Verônica. Corpo e Artes da Cena. In: HADERCHPEK, Robson Carlos, VIEIRA, Marcilio de Souza (Org). **Corpo e processos de criação nas artes da cênicas**. Natal: EDUFRN, 2016.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. In: **Cadernos de Campo**. São Paulo, n. 13: p. 155-161, 2005.

GONÇALVES, Luiz Davi Vieira. Teatro e Ritual: os desafios da criação performática com base no xamanismo Yanomami. In: Memória ABRACE VII Anais do IX Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. **Anais... Uberlândia** (MG) UFU, 2017.

\_\_\_\_\_. Performance e Xamanismo: o corpo e sua expressividade no xamanismo Yanomami aldeia de Maturacá. **Revista Arte da Cena**, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 83-96, Dezembro/2015.

\_\_\_\_\_. **Yanonami të pë hekuramou maturacá a xapono há-** O xamanismo Yanonami da região de Maturacá. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018.

SCHECHNER, Richard. Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral. In: **Cadernos de Campo**. São Paulo, n.20, p. 213-336, 2011.

SCHECHNER, Richard. "Pontos de Contato" revisitados. In: DAWSEY, John et al. (org.) **Antropologia e Performance**: ensaios Napedra. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

OVERING, Joanna. O mito como história: um problema de tempo, realidade e outras questões. **Mana**, volume 1, número 1, p. 107-140, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Xamã como Construtor de Mundos**: Nelson Goodman na Amazônia. Trad. Nádia Farage. Ideias: Campinas, 1994.